REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i48.20307

A (re)escrita de resenhas críticas por estudantes do profis: enfoque argumentativo

The (re)writing of critical reviews by profis students: an argumentative approach

Renata Palumbo[1]
E-mail: renata.palumbo@usp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6969-0802

Isabel Cristina Michelan de Azevedo[2]
E-mail: iazevedo@academico.ufs.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5293-0168

Anderson Carnin[3]
E-mail: carnin@unicamp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0940-9449

Resumo: Este artigo investiga a (re)escrita de resenhas críticas por estudantes do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) da Unicamp, analisando o desenvolvimento argumentativo entre duas versões textuais. O estudo examina o acionamento de valores, a seleção de epítetos e o emprego de premissas de ordem mais geral. A fundamentação teórica

1 Universidade de São Paulo.
2 Universidade Federal de Sergipe.
3 Universidade Estadual de Campinas.

articula estudos de letramento (Komesu; Assis, 2019; Hyland, 2005, 2006; Kleiman, 1998), Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002) e pesquisas brasileiras sobre escrita acadêmica (Rodrigues; Cavalcante, 2019; Motta-Roth, 2002). Com abordagem qualitativa, exploramos três produções discentes, buscando: 1) localizar premissas e seus efeitos argumentativos; 2) identificar modificações em adjetivação e figuras de retórica para alinhamento ao papel de resenhista acadêmico; e 3) analisar o desenvolvimento da argumentação. A análise empreendida revela que a reescrita aprimora a argumentação ao promover o uso elaborado de premissas de qualidade e recursos retóricos, resultando em maior alinhamento com o papel do resenhista acadêmico e no desenvolvimento da racionalidade e da fundamentação das avaliações empreendidas.

Palavras-chave: Argumentação; Reescrita; Resenha crítica.

Abstract: This paper investigates the (re)writing of critical reviews by students in the Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) at Unicamp, analyzing the argumentative development between two textual versions. The study examines the use of values, the selection of epithets, and the use of more general premises. The theoretical framework articulates studies of literacy (Komesu; Assis, 2019; Hyland, 2005, 2006; Kleiman, 1998), New Rhetoric (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002) and Brazilian research on academic writing (Rodrigues; Cavalcante, 2019; Motta-Roth, 2002). Using a qualitative approach, we analyzed three student productions, seeking to: 1) locate premises and their argumentative effects; 2) identify changes in the use of adjectives and rhetorical figures to align with the role of academic reviewer; and 3) analyze the development of argumentation. The analysis reveals that rewriting improves argumentation by promoting the elaborate use of premises of quality and rhetorical devices, resulting in greater alignment with the role of the academic reviewer and the development of rationality and reasoning in evaluations.

Keywords: Argumentation; Rewriting; Critical review.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, debruçamo-nos sobre a (re)escrita de resenhas críticas em contexto acadêmico, especificamente para os segmentos textuais relacionados à avaliação e à apreciação/recomendação, com a finalidade central de examinar como estudantes universitários ingressantes no Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) da Unicamp desenvolvem seus argumentos de uma versão a outra, considerando o (re)acionamento de valores e seu efeitos por meio da seleção de epítetos e de premissas de ordem mais geral.

Esse objetivo geral desdobra-se em três objetivos específicos: 1) localizar quais foram os lugares, segundo a Nova Retórica, selecionados pelos estudantes em suas versões de (re)escrita com vista ao exame daquilo que alteraram e seus efeitos argumentativos; 2) identificar as modificações realizadas no que diz respeito à adjetivação e às figuras de retórica, a fim de analisar como as mudanças promovem alinhamento do resenhista acadêmico; 3) analisar o desenvolvimento da argumentação em resenhas.

Esta pesquisa faz parte do projeto temático “Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para formação de professores e de pesquisadores globalizados” (FAPESP Processo 22/05908-0), coordenado pela Profa. Dra. Inês Signorini. Em específico, o presente trabalho integra o subprojeto *Letramentos Acadêmicos: processos de construção identitária sociodiscursiva dos sujeitos da ciência nas produções textuais dos estudantes do ProFIS*, sob nossa responsabilidade.

Nesse subprojeto, analisamos textos produzidos entre 2011-2023 por estudantes do ProFIS/Unicamp nas disciplinas de Leitura e Produção de Textos I. Trata-se de um amplo *corpus* de textos de aprendizes universitários que ingressaram na universidade por meio de processo seletivo específico para esse programa de inclusão social/acadêmica[4]. Esse *corpus*, nomeado ProCorp, está transcrito e em fase de disponibilização a pesquisadores da área dos estudos da linguagem em plataforma específica

4 Para mais informações sobre o ProFIS, sugerimos a consulta à página do programa, disponível em: https://prg.unicamp.br/profis/sobre/.

para este fim. Uma parte desse *corpus* é composto por resenhas críticas[5] produzidas pelos estudantes em 2021 e foi gerado a partir de uma atividade desenvolvida ao longo da disciplina Produção de Textos Acadêmicos I.

A escrita acadêmica requer conhecimentos acerca não só das especificidades dos gêneros que circulam e dão corpo a diferentes práticas universitárias, mas, sobretudo, das relações de poder relacionadas ao conhecimento científico, especialmente em relação à ordem do discurso e do argumentar. Nesse viés, produzir gêneros diversos nesse contexto implica também construir novas identidades sociais. Como destacam Komesu e Assis (2019, p. 8), além da empregabilidade, espera-se que a universidade promova o desenvolvimento do pensamento crítico e a criação de "universos mais amplos", nos quais os sujeitos reconheçam a si mesmos, aos outros e aos interesses divergentes dos grupos sociais.

Diante de tal propósito, no campo dos estudos dos letramentos acadêmicos, várias são as pesquisas que têm investido na análise de processos e procedimentos de (re)escrita acadêmica (Silva; Boabaid, 2021; Fiad, 2013; Motta-Roth, 2002, por ex.). A relação escrita-reescrita pode ser entendida como significativa em contextos de aprendizagem por permitir uma recriação da linguagem a cada interação (Fiad, 2013) e possibilitar ao autor refletir acerca do próprio texto, promovendo transformações no léxico, conteúdo, organização, além de possibilitar o uso crítico de mecanismos argumentativos ajustados ao próprio projeto do dizer.

A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, nossa pesquisa seguiu três procedimentos metodológicos: a) levantamento, no ProCorp, de atividades de (re) escrita de resenha crítica desenvolvidas em 2021; b) seleção de três produções para compor *corpus* da análise; c) exame dos segmentos de apreciação/avaliação com vistas à argumentação.

5 O estudo da resenha no meio acadêmico tem sido aprofundado há mais de vinte anos, o que possibilitou entender que nesse campo de atividade humana os estudantes aprendem a produzir um gênero textual constituído por dois atos sociodiscursivos principais - descrever e avaliar -, que é organizado em dez estratégias retóricas (Motta-Roth, 2002). Sendo esse gênero materializado em um texto que, necessariamente, parte de outro texto, espera-se do produtor um ativo trabalho não apenas de síntese do texto de origem, mas um trabalho de (re)textualização que permita ao leitor compreender o posicionamento assumido por ele ao comentar o texto resenhado (Machado, Lousada, Abreu-Tardelli, 2004). Nesse sentido, embora compreendamos que o termo "resenha" já inclui a inclusão de um juízo de valor ao longo do texto, quando agregamos a ele o adjetivo "crítica", procuramos destacar a dimensão dialógica e profundamente analítica que marca esse gênero. No caso específico deste trabalho, respeita também a denominação empregada pela docente e pelos alunos que produziram os textos que compõem o ProCorp, por isso a escolha dos autores por essa designação.

O referencial teórico inclui os estudos do letramento (Komesu; Assis, 2019; Hyland, 2005, 2006; Kleiman, 1998, entre outros) correlacionados à Nova Retórica (Perelman, 1992; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002) e às pesquisas sobre produção textual acadêmica (Rodrigues; Cavalcante, 2019; Rodrigues, 2017; Motta-Roth; Hendges, 2010; Motta-Roth, 2002). Organizamos este artigo como se segue: primeiramente, discorremos acerca do papel da argumentação na escrita acadêmica e, em específico, a respeito das premissas de ordem mais geral e da adjetivação na composição de textos argumentativos; na sequência, procedemos às análises e às considerações sobre os resultados obtidos em nosso trabalho.

2 ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESCRITA ACADÊMICA: LÓCUS DA ARGUMENTAÇÃO

No que diz respeito à argumentação na escrita acadêmica, especificidades precisam ser consideradas durante os processos de ensino-aprendizagem. Trata-se de procedimentos que se apoiam no contexto imediato da produção (o pedagógico) e a outros de maior dimensão, como as convenções argumentativas subscritas pela comunidade acadêmica, a depender do campo do saber em que está inserida a produção textual (o científico).

No que se refere a esses contextos, tomamos a posição de Rodrigues (2017) e de Rodrigues e Cavalcante (2019), em diálogo com Charaudeau (2016a, 2016b). Para essas autoras, as convenções a que os textos acadêmicos obedecem são de ordem: *científica*, vinculada às especificidades de cada área do conhecimento; *situacional*, relacionada ao local de circulação do texto; e *comunicacional*, referente ao perfil dos interlocutores. Ao considerarem a escrita de artigo científico, as estudiosas ainda afirmam que:

> [...] os pesquisadores talvez reconheçam na própria situação de comunicação a legitimação que a identidade social, de pesquisadores experientes, lhes confere. O locutor do artigo científico precisa se apresentar ratificando o seu direito de dizer; trata-se de um “quem sou”, que me autoriza a tomar a palavra (Rodrigues; Cavalcante, 2019, p. 55).

O esforço para empreender uma comunicação adequada ao espaço acadêmico e obter legitimação por parte dos pares e de professores também são relevantes na produção de resenhas, pois colaboram com a construção da identidade social. Segundo Motta-Roth (2002), por meio desse gênero, especialistas e estudantes praticam um mecanismo de verificação da qualidade de uma produção cultural e, ao fazer isso, são incluídos em uma rede complexa de relações entre o escritor, o leitor, os objetos de análise, os editores etc.

“A avaliação do resenhador é uma crítica interpretativa consoante com as discussões” em curso em uma sociedade e no espaço acadêmico, por isso a resenha é apontada como um gênero que serve como “um mecanismo de guarda do acesso de entrada ao debate acadêmico [...]”, sobretudo a partir do reconhecimento que o resenhador receba (Motta-Roth, 2002, p. 88). Compreendemos, assim, a resenha como um gênero discursivo que:

> [...] é utilizado na academia para avaliar – elogiar ou criticar – o resultado da produção intelectual em uma área do conhecimento. Esse produto intelectual pode ter a forma de, por exemplo, de um livro, um filme, uma exposição de pinturas [...] e é avaliado sob o ponto de vista da ciência naquela disciplina (Motta-Roth, Hendges, 2010, p. 27).

Em síntese, o estudante que produz uma resenha pratica, principalmente, três tipos de ações. Em primeiro lugar, realiza uma ação tipificada e recorrente no espaço acadêmico, que o insere em uma comunidade disciplinar, que tem expectativas quanto às informações que são encontradas na produção textual (relação assimétrica entre os sujeitos implicados pela escrita). Também efetua um exercício de organização e avaliação de conhecimentos que circulam na universidade, isto é, espera-se a combinação entre porções textuais que possam informar e indicar uma análise dos conteúdos. Em seguida, concretiza uma prática discursiva que exige engajamento pessoal, uma vez que o resenhador necessita analisar as razões que motivam a produção, o perfil esperado em cada área de conhecimento e as relações de poder (explícitas ou tácitas) que estão em jogo no momento da produção (Motta-Roth, 2002).

Quanto aos procedimentos esperados na escrita da resenha – descrever, comentar, avaliar a partir de um ponto de vista – a avaliação/recomendação revela-se como significativa do ato comunicativo e pode-se dar por meio de vários mecanismos, tais como a própria reconstrução do texto resenhado (retextualização), que se torna o principal objeto de discurso do resenhista, o modo como se apresentam as razões/

recomendações da leitura da obra, as quais podem ser direcionadas para questões de ordem pessoal, social ou de campo especializado, entre outras possibilidades.

Conforme Motta-Roth (2002, p. 93), a descrição constitui o movimento retórico inicial do gênero, pois é a fase que apresenta o material que está sendo resenhado. Referências aos elementos concretos encontrados nele ou informações relativas à organização e às técnicas utilizadas são esperadas na abertura do texto, para gerar um contexto para as avaliações que serão produzidas acerca de “novas produções de conhecimento”.

A avaliação e a recomendação constituem resultado da posição do produtor de texto em relação à questão que uma resenha costuma direcionar: o leitor deve ou não ler/conhecer a obra resenhada? A posição “é a condição que exige que o sujeito argumentante diga que ponto de vista quer defender. Para isso, ele se engaja em uma tomada de posição, o que o levará, ao mesmo tempo, a se opor a outras” (Rodrigues; Cavalcante, 2019, p. 46).

Entendemos que existem duas posições a serem tomadas, no mínimo. Uma de natureza discursiva, social e científica – em relação à obra e seu lócus social, político, acadêmico etc. Outra circunscrita no modo de argumentar a partir do que se compreende como promissor para validar o objeto, assumindo o papel de um especialista que detém o poder de validar. Corresponde a um procedimento argumentativo que se volta para um objeto do discurso e, a partir da maneira que o apresenta, viabiliza determinados efeitos. É o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 53) afirmaram sobre os efeitos práticos da argumentação: “voltada para o futuro, ela se propõe a provocar uma ação ou preparar para ela, atuando por meios discursivos sobre os espíritos dos ouvintes”. É o que compreendemos que uma resenha deva orientar.

Nessa direção, as resenhas podem ser produzidas a partir de estratégias argumentativas variadas – seleção lexical avaliativa, diálogos estabelecidos e referências convocadas, utilização de premissas gerais, ativação de valores e outros mecanismos –, sendo que o efeito dependerá daquilo que se considera relevante em termos de argumentos por parte da instância de recepção acadêmica de uma área em específico (Hyland, 2006), ou da comunidade na qual o estudante está inserido e a que se dirige, que pode ser o grupo de estudantes e o docente.

Nesse viés, pode-se afirmar que há fatores inter-relacionados que orientam modos de argumentar em resenhas no contexto das práticas de produção textual aca-

dêmica: (a) a compreensão do gênero resenha e da proposta da atividade (contexto imediato); (b) o conhecimento dos valores e das práticas institucionais que legitimam o ato de argumentar; (c) a característica do produtor do texto, que é constituído por identidades sociais e discursivas com as quais ele teve contato no decorrer de suas experiências no campo científico/acadêmico.

No que diz respeito a este último fator, temos que, de um lado, as práticas textual-discursivas, enquanto ações sociais e históricas, transformam modos de atuação e de ocupação de espaços na sociedade. De outro, a construção de identidades sociais e discursivas, materializadas no texto, orienta os modos de utilização da argumentação em contextos específicos. Ao ingressarem na universidade, os graduandos estão situados em um espaço entre as identidades sociais e discursivas que já conhecem e aquelas que eles passam a conhecer via interações diversas e conforme o que os docentes apresentam nas aulas. Como já assinalaram Silva e Boabaid (2021, p. 235): "É o engate entre a voz do aluno (ainda em 'transformação') e a voz 'científica' (dita 'pronta' ou 'madura' na elocução de saberes) que nos parece um dos aspectos mais desafiadores do ensino da escrita acadêmica".

Em razão de os estudantes do ProFIS estarem constituindo suas identidades social-discursivas acadêmicas em seus primeiros anos na universidade, é possível que ora se posicionem argumentativamente a partir de procedimentos que já conhecem, ora se envolvam com o que reconhecem diante das práticas de escrita dos novos contextos. A reescrita, nessas ocasiões, constitui-se como via promissora para refletir e transformar a argumentação – que exige olhar além do texto, incluindo os contextos sobre os quais já mencionamos.

A partir de tal perspectiva, postulamos que a reescrita, no ensino-aprendizagem da produção textual acadêmica, colabora para o desenvolvimento: da racionalidade, do pensamento crítico, da demonstração, das associações de ideias via formulação e reformulação. Mais ainda, essa atividade de caráter *meta* (linguístico, textual, discursivo, pragmático e discursivo) deve ser encaminhada com vista às responsabilidades que o produtor vai assumir diante de suas ações argumentativas e posições sobre o mundo, considerando seus valores pessoais aliados aos valores acadêmicos/institucionais do campo em que está inserido.

3 ESCRITA ACADÊMICA ARGUMENTATIVA: ESTRATÉGIAS VOLTADAS PARA VALORES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Em relação ao conhecimento dos valores e das práticas institucionais que legitimam o ato de argumentar, observamos que a adjetivação é um mecanismo produtivo na construção de opiniões, no registro de posições e na veiculação de valores, por isso tem função avaliativa e persuasiva. Em particular, em construções impessoais, notamos que os adjetivos/locuções adjetivas podem se apresentar como registro de noções compartilhadas socialmente e ainda estar a serviço da construção de evidências que possam ser tomadas como confiáveis (estratégia de legitimação).

Nesse processo discursivo e argumentativo também são mobilizadas as três figuras de retórica, tal como foram redefinidas por Perelman (1992), a saber: a figura de escolha, a de presença e a de comunhão. Isso significa que, a fim de tornar admissível as teses defendidas por parte do leitor, o resenhador realiza uma seleção prévia de fatos e de valores e promove uma descrição particular relativa ao material que está sendo resenhado, mobilizando certa linguagem conforme a importância que confere a eles, promovendo também a sustentação de sua posição argumentativa (figura de escolha).

Ao mesmo tempo, o sujeito, participante do ProFIS, necessita mostrar-se capaz de integrar a comunidade acadêmica em função da qualidade de sua produção textual, por isso precisa se fazer presente a partir do modo como apreende e julga o material resenhado, o que exige a mobilização de diferentes recursos expressivos, como a adjetivação (figura de presença). Por fim, necessita estabelecer comunhão com o auditório, particularmente em torno dos valores, das emoções, das avaliações apresentadas etc., pois sabe que está sendo avaliado como estudante universitário e que sua identidade acadêmica está em processo de construção (figura de comunhão).

Além da adjetivação, a seleção dos valores empreendida na resenha pode ser também reforçada por ocasião da utilização de premissas de ordem mais geral, as quais foram denominadas lugares, os *topoi*, ou agrupamento de argumentos que se apropriaram dos valores preferidos de uma determinada sociedade. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 95), “[...] os lugares formam um arsenal indispensável, do qual, de um modo ou de outro, quem quer persuadir outrem deverá lançar mão”.

Diferentemente do encaminhamento dado no estudo aristotélico que apresentou ampla classificação, os autores da Nova Retórica atentam-se, especificamente, para as premissas mais gerais que “permitem fundar valores e hierarquias” (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 95) – os denominados lugares do acidente de Aristóteles. Para esses autores, esses procedimentos são utilizados “para justificar a maior parte de nossas escolhas”, sendo utilizados em diversas situações, assim como entendemos que ocorra nas produções acadêmicas de maneira particular (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 95).

O valor de algo pode pressupor razões qualitativas ou quantitativas. Sobre esse último caso, recorre-se ao que é comum ou majoritário, visto como confiável, enquanto o excepcional pode ter efeito contrário. A qualidade vem revelar a necessidade da mudança, além de valorizar o único, “assim como o normal, é um dos pivôs da argumentação” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, [1958] 2002, p. 101). Além desses lugares, há outros que vão destacar o que é considerado como mais valioso: os indivíduos superiores em sua representatividade (essência), o anterior como superior ao posterior (ordem), a valorização do que existe (existência).

Não só a seleção dessas premissas importa para a adequação da argumentação para determinados interlocutores, mas também o modo como são encaminhadas no interior de determinados tópicos. No campo acadêmico, a adesão a determinadas perspectivas teóricas/obras pode-se configurar no lugar da quantidade ou da qualidade, justificando-se, nesse último caso, na necessidade da mudança.

Esses atos de linguagem – que podem ser sintetizados em julgamento, apreciação e posicionamento – indicam que o estudante, ao buscar produzir uma resenha alinhada aos padrões do gênero, demonstra clareza quanto às exigências acadêmicas e às consequências de sua escrita. Segundo Hyland (2005), esse processo interacional, vivido por meio da escrita acadêmica, envolve essencialmente posicionamento e assunção de um ponto de vista em relação às questões em discussão. Assim, o sucesso da escrita também depende de uma projeção individual do sujeito em um contexto específico: o acadêmico. Isso indica que, além de perseguir objetivos pessoais e disciplinares, o sujeito está implicado em um processo de construção de sua identidade social como membro de uma comunidade universitária.

Embora complexo e diversificado, neste artigo, o conceito de identidade é definido não como “uma condição permanente, mas uma condição transitória e dinâmica moldada pelas relações de poder que, na percepção dos participantes, estão sendo configuradas na interação” (Kleiman, 1998, p. 280).

Confirmamos, assim, que, para o estudante, torna-se necessário o (re)conhecimento dos valores que fundamentam a confiabilidade/a credibilidade no campo acadêmico, em determinada área de especialização, para que possa colaborar com a construção de sua identidade como acadêmico. Avaliar e recomendar uma obra consiste, pois, em um procedimento baseado em valores e suas hierarquias, aos quais o ensino-aprendizagem de escrita acadêmica deve também dar atenção.

4 PERCURSO METODOLÓGICO-ANALÍTICO DAS (RE)ESCRITAS DE RESENHA CRÍTICA: ENFOQUE ARGUMENTATIVO

Neste artigo, debruçamo-nos sobre o trabalho de (re)escrita de estudantes universitários do ProFIS-Unicamp de textos inscritos no gênero resenha crítica. Os textos foram produzidos no ano de 2021 e fazem parte do ProCorp, banco de textos e excertos de textos de estudantes do ProFIS. Dados os limites deste texto e pela abordagem qualitativa adotada, as resenhas foram selecionadas, considerando: (i) a composição de um conjunto representativo das produções dos estudantes; (ii) que o(a) aluno(a) tivesse entregado as duas versões (inicial e/ou reescrita) da resenha crítica para avaliação; (iii) que ambas as versões estejam incorporadas ao banco de dados de pesquisa. Não foram empregados, embora sejam pertinentes a uma análise futura, critérios ligados a dados sociodemográficos, de gênero ou idade, entre outros marcadores de identidades sociais e acadêmicas dos aprendizes. Operacionalizados tais critérios junto ao banco de dados, chegamos ao conjunto de três resenhas que analisaremos neste artigo.

Procedemos à análise desses três exemplares com vista às estratégias argumentativas a que os estudantes recorreram e aos valores que acionaram e relacionaram em suas reescritas[6]. Em específico, atentamo-nos para os mecanismos da ordem da adjetivação e das premissas mais gerais, utilizados nos últimos parágrafos das

6 Neste artigo, não nos ocuparemos do papel da mediação docente na orientação para a (re)escrita, por meio de comentários ou *feedbacks* avaliativos, pois em Palumbo, Carnin e Sousa (2025, *no prelo*) realizamos uma discussão mais aprofundada desse aspecto que, certamente, tem também contribuição nas (re)escritas aqui analisadas.

resenhas selecionadas à análise, pois foi nesta parte que os graduandos apresentaram suas avaliações e recomendações de modo recorrente e mais pontual. Quanto à proposta de escrita, foram apresentadas as seguintes orientações:

> Você é um(a) estudante do ProFIS que está concluindo seu curso na Unicamp e precisa decidir, até o fim do ano, que graduação deseja seguir. Você está indeciso(a) entre Medicina, Economia, Ciências Sociais, Geografia e Midialogia.
> Quando sua professora de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos I sugeriu o curta-metragem *Happiness* (tradução: Felicidade)[7], de Steve Cutts, você teve um estalo e, finalmente, tomou sua decisão.
> Assuma uma máscara discursiva (de médico/a, ou de economista, ou de sociólogo/a, ou de geógrafo/a ou de produtor/a cinematográfico/a) e escreva uma resenha crítica sobre o filme-animação de Steve Cutts a que você assistiu.
> Essa resenha crítica é sua avaliação para ingresso no curso que deseja fazer na Unicamp e será lida por uma banca composta por docentes da faculdade escolhida.[8]

Essa atividade deu origem ao conjunto de textos sob análise como “Versão 1”, ou seja, primeira produção discente, após uma sequência de aulas que culminou nessa atividade de produção textual. Realizada a leitura e avaliação das produções discentes, foi facultado aos estudantes o trabalho de reescrita das produções, a partir dos comentários e direcionamentos feitos pela docente e pelos monitores da disciplina (alunos de pós-graduação que atuam como bolsistas da disciplina), resultando na “Versão 2”, ou seja, reescrita do discente de seu texto. Como neste artigo nosso foco recai sobre a dimensão argumentativa das resenhas em análise, selecionamos apenas os excertos em que essa apreciação se torna mais evidente nos textos discentes e apresentamo-las a seguir.

7 Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQelULDk&t=32s. Acesso em: 16 de outubro 2025.

8 Antes dessa atividade de escrita, conforme o que nos indicam os dados do ProCorp, os estudantes tiveram contato com vários modelos de resenha, com a finalidade de identificar as seguintes partes: apresentação, descrição, avaliação e recomendação. Após a escrita da resenha, os alunos receberam os *feedbacks* e procederam à reescrita, considerando a orientação: “Após receber a sua resenha crítica (Atividade 10) corrigida e comentada, leia atenciosamente tudo o que foi apontado em seu texto e reescreva-o, refazendo assim a sua resenha crítica como um exercício de estudo para a prova 2”.

Quadro 1 - Versões 1 e 2 das resenhas do estudante (1)

Versão 1	Versão 2
O curta-metragem *conta com uma estética de arte muito interessante e detalhada, sendo uma ótima produção visual*. *As críticas presentes acerca da felicidade proporcionada pelo dinheiro, são uma boa mensagem que trazem reflexões sobre a sociedade capitalista humana, fazendo com que o telespectador reflita sobre o consumismo desnecessário que está presente no cotidiano*. Além disso, o dinheiro presente na animação, pode ser uma metáfora da busca incessante para preencher o vazio da falta de felicidade, que em alguns casos, pode se transformar em um vício.	Essa produção visual, é uma ótima crítica em forma de animação, ela traz vários conceitos contemporâneos muito importantes para entender a cultura do consumo presente na atualidade, além disso, aborda uma reflexão importante acerca do rumo que o mundo real está tomando. Com certeza essa obra é muito indicada não só para outros alunos na graduação de economia, como também, para as pessoas em geral repensarem um pouco sobre a necessidade de consumir algo apenas porque é novo, e não necessário. Além disso, a busca incessante pelo dinheiro presente na animação, pode ser vista como uma metáfora para a procura de preencher o vazio na falta de felicidade.

Fonte: Acervo da pesquisa - ProCorp.

No Quadro 1, na versão 1, disponível na coluna da esquerda, notamos um esforço inicial do estudante para descrever, minimamente, o vídeo que está sendo resenhado, mas isso não é mantido na versão 2, disponível na coluna da direita, pois há uma preocupação do autor em logo apresentar um juízo de valor em relação à produção visual (“é uma ótima crítica em forma de animação”). O uso do adjetivo modificador “ótimo” afere uma avaliação apreciativa positiva à animação e predica o sentido da produção, tomada pelo resenhista, como uma crítica social. Nesse processo, o estudante se identifica com a comunidade acadêmica que pode verificar a qualidade das produções culturais enquanto se engaja no papel de interpretar a realidade social. Essa ação discursiva também se constitui tanto como uma figura de escolha quanto de presença, uma vez que o estudante opta por contrastar o curta-metragem frente a outros (que não são nomeados) e assume a responsabilidade de colocar a produção em análise em destaque.

Localizamos ainda o lugar da qualidade nas duas versões, sendo que, na última, há inserção de epítetos e de novas categorizações, como ocorre na substituição da formulação “sociedade capitalista”, na versão 1, por “cultura do consumo” na versão 2. Na primeira escrita, destaca-se a qualidade da produção por meio de adjetivos: “O curta-metragem conta com uma estética de arte *muito interessante* e *detalhada*,

sendo *uma ótima produção visual*". Já na reescrita, a qualidade mantém-se, mas com ampliação que justifica a avaliação de natureza qualitativa: "é uma ótima crítica [...] ela traz vários conceitos contemporâneos muito importantes para entender a cultura do consumo presente na atualidade, além disso, aborda uma reflexão importante acerca do rumo que o mundo real está tomando."

A modificação da versão 2 pode ser uma pista indicativa de ter ocorrido uma atividade meta voltada para a argumentação do texto. Mais ainda, ao completar, procede-se a uma crítica interpretativa, provavelmente apoiada em discussões desenvolvidas na sociedade sobre o consumismo, podendo promover reflexão. Retomamos Motta-Roth (2002), para reafirmar que a resenha corresponde a um meio de acesso de entrada ao debate acadêmico, considerando, de nossa parte, a reescrita como tarefa que reforça a promoção de posição frente a relevantes questões sociais.

A tese defendida no curta está relacionada a situações cotidianas, nas quais muitas pessoas buscam a felicidade por meio do consumo, sendo persuadidas por propagandas e construindo um ciclo no interior do qual o objetivo não é alcançado, de modo a revelar efeito contrário: a infelicidade. Na produção, joga-se com a relação qualidade (felicidade) *vs*. quantidade (consumismo-infelicidade), e a resenha caminha na mesma direção.

Na versão 2, a referência ao consumismo na sociedade contemporânea está explicitada em "*ela traz vários conceitos contemporâneos muito importantes para entender a cultura do consumo presente na atualidade*" e logo o resenhador apresenta sua crítica: "*aborda uma reflexão importante acerca do rumo que o mundo real está tomando*". Marcar que os conceitos incluídos na produção visual são "*muito importantes*" e que a reflexão oportunizada pela obra é "*importante*" para a compreensão da realidade indica que, embora o termo "importante" possa ser considerado vago (não fica especificado qual é exatamente o sentido assumido na avaliação), o estudante se preocupa com o entendimento dos impactos do consumismo na sociedade e considera necessário haver a discussão disso. Explicitar esse ponto de vista na resenha confirma a projeção do estudante entre aqueles que analisam as produções discursivas em circulação, a fim de demarcar suas consequências positivas e/ou negativas.

Assim, parece-nos que o valor atribuído à felicidade se torna superior na obra e na avaliação dela. O segmento relacionado à recomendação também indica esse posicionamento: "Com certeza essa obra é muito indicada não só para outros alunos

na graduação de economia, como também, para as pessoas em geral repensarem um pouco sobre a necessidade de consumir algo apenas porque é novo, e não necessário".

Observemos, em seguida, como a argumentação e os valores são mobilizados na produção do estudante (2).

Quadro 2 - Versões 1 e 2 das resenhas do estudante (2)

Versão 1	Versão 2
Com uma produção incrível, e mesmo que já possua alguns anos (4 anos), *o prognóstico segue concordante com o cenário precisamente indicado por Steve Cutts. Apresentado de forma instigante, multifacetado e com uma leitura possível que transpassa o invólucro de qualquer especificidade única, produto gerado pela complexidade e precisão da abordagem. Certamente é um material muito enriquecedor, que requer a atenção e aprofundamento, envolvente e desafiador* que visa passar a mensagem do quão é necessário intervir com uma operação nesse caso.	Certamente, o curta-metragem Happiness trata bem de dada função e, além disso, *de uma forma instigante e inovadora, possibilita indagar se tamanho fado de sermos como somos é um fator biológico único dos humanos ou se qualquer outra espécie que tivesse em nosso lugar faria igual.* Enfim, assista e não se arrependa! Muito pelo contrário, *se questione do quanto estamos tão alienados e envolvidos na organização vigente que sequer tivemos a ousadia de pensar assim antes, e, indo além, sobre como aceitamos viver um cenário patológico, que dificulta/impede o bem-estar e permite que o prognóstico não se altere do desenvolvimento denunciado por Steve Cutts, a infelicidade*.

Fonte: Acervo da pesquisa - ProCorp.

No Quadro 2, a primeira versão se caracteriza pela seleção de um conjunto de adjetivações sobre a produção: "incrível", "instigante", "multifacetado", "enriquecedor", "envolvente" e "desafiador". Essas escolhas lexicais indicam que o estudante sabe ser necessário avaliar partes específicas do material resenhado (Motta-Roth, 2002) e que os adjetivos constituem um recurso valioso para determinar a orientação de sua opinião acerca do curta-metragem. Observamos, assim, que essas palavras constituem pistas de subjetividade, o que também marca a presença do resenhador no discurso.

Embora a qualificação possa ser considerada significativa para a argumentação, como já indicado nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) sobre o lugar de qualidade e a apresentação dos dados, no segmento sob análise, temos que a avaliação e a recomendação requerem procedimento diferente, visto que a visão pessoal do

resenhador precisa estar articulada a trechos descritivos/resumidores da obra, o que pouco acontece na versão 1.

Mais do que adjetivar, é necessário trazer outros elementos com os quais se crie o efeito da qualidade da obra – caráter demonstrativo dos textos do campo acadêmico. Relacionamos nossa posição à afirmação dos autores da Nova Retórica, quando dizem a respeito da caracterização daquilo que se apresenta: “A organização dos dados com vista à argumentação consiste não só na interpretação deles [...], mas também *na apresentação de certos aspectos desses dados*” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p.143, grifos nossos). E continuam: “Essa escolha se manifesta da forma mais aparente pelo uso do epíteto. Este recurso resulta da seleção visível de uma qualidade que se enfatiza e que *deve completar* nosso conhecimento do objeto”.

Localizamos essa complementação no texto reescrito que visa a completar a qualificação e inclui razões que não foram apresentadas na versão anterior: “de uma forma instigante e inovadora, *possibilita indagar se tamanho fado de sermos como somos é um fator biológico único dos humanos ou se qualquer outra espécie que tivesse em nosso lugar faria igual*”.

Ainda outra vez, o texto reescrito revela acréscimos indicativos de uma reflexão maior em comparação com a versão 1 – sobre o texto, sobre o tópico –, assumindo o valor da existência do consumismo, mas enveredando para um lugar antitético (não consumismo), posto que o resenhador sugere o confronto de uma situação social que permanece vigente: “[...] *se questione do quanto estamos tão alienados e envolvidos na organização vigente que sequer tivemos a ousadia de pensar assim antes, e, indo além, sobre como aceitamos viver um cenário patológico, que dificulta/impede o bem-estar e permite que o prognóstico não se altere do desenvolvimento denunciado por Steve Cutts, a infelicidade”*.

Causa estranheza a inclusão da expressão “Enfim, assista e não se arrependa!” na resenha, por se assemelhar a um *slogan*. Como o *slogan* é uma fórmula linguística que também visa a oferecer um conselho por meio de uma sentença síntese, esse ato discursivo cumpre, simultaneamente, com três papéis: fazer o leitor aderir à ideia, prender a atenção do leitor e, no caso, resumir a avaliação do resenhador (Reboul, 1975). Notamos que essa figura de escolha, construída por meio de uma interpretação que se apresenta como um fato a ser percebido pelo leitor, organiza-se também como um *pseudodiscurso direto* que dá “a conhecer as intenções que se atribuem”

à obra resenhada, em um esforço por fazer crer na opinião apresentada (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 200).

Em síntese, na versão 2 da resenha (2), o resenhador constitui uma identidade acadêmica marcada pela função expressiva e apelativa (Jakobson, 1987), posto que não se acanha em se posicionar explicitamente (figura de presença) enquanto se preocupa em fazer com que o leitor concorde com as conclusões apresentadas (figura de comunhão), por meio de um certo diálogo estabelecido com o outro, a fim de persuadi-lo a aderir à sua avaliação.

Na sequência, analisamos as (re)reformulações nas versões de escrita-reescrita do estudante (3), apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 - Versões 1 e 2 das resenhas do estudante (3)

Versão 1	Versão 2
Sem dúvidas, *a obra apresentada é extremamente impactante e por esta razão, deve ser vista, analisada e compreendida cuidadosamente, pois ela não só retrata uma realidade vivenciada por inúmeras pessoas, que sofrem com este transtorno, como também serve de reflexão para aqueles que não enxergam o consumo como um vício.* Portanto, *embora o vídeo possua a durabilidade de apenas quatro minutos, todas as mensagens por ele transmitida são extremamente relevantes.*	"Happiness" é um curta impactante, que deve ser analisado com muita atenção, pois retrata exatamente o funcionamento da sociedade atual, consumista e fascinada pela busca da felicidade. A obra extraordinária mostra a maneira como a população estipula que a felicidade se baseia em produtos, mercadorias e bens materiais. Porém ela também aborda a questão de que estes fascínios podem influenciar para que as pessoas declinem-se ao uso de substâncias irregulares. Partindo de todos os pontos já levantados, *a obra é mais do que recomendada, pois ela retrata de maneira clara e objetiva o quanto o ser humano deve melhorar seus atos.*

Fonte: Acervo da pesquisa - ProCorp.

O estudante (3), já em sua primeira versão da resenha, apresenta argumento como fundamentação de sua recomendação de leitura e da qualificação dada à obra, "extremamente impactante". Nessa direção, recorre à justificativa por meio da indicação da importância do tratamento dado ao tópico do curta: "pois ela não só retrata uma realidade vivenciada por inúmeras pessoas, que sofrem com este transtorno, como também serve de reflexão para aqueles que não enxergam o consumo como um vício".

O lugar da qualidade é mantido na reescrita, com reformulação na justificativa – “é um curta impactante, que deve ser analisado com muita atenção, pois retrata exatamente o funcionamento da sociedade atual, consumista e fascinada pela busca da felicidade”. Às últimas linhas da resenha, recomenda-se a leitura com argumento também iniciado pelo operador “pois”: “a obra é mais do que recomendada, *pois ela retrata de maneira clara e objetiva o quanto o ser humano deve melhorar seus atos*”.

Interessante examinar que o estudante (3), mesmo que dê destaque a adjetivos em sua reescrita, presentes em número maior – “um curta impactante”, “obra extraordinária”, “clara”, “objetiva” –, também amplia a descrição, favorecendo o exercício da argumentação, pois “mostra a maneira como a população estipula que a felicidade se baseia em produtos, mercadorias e bens materiais” [...] aborda a questão de que estes fascínios podem influenciar para que as pessoas declinem-se ao uso de substâncias irregulares”. Nesse movimento retórico, o resenhador constrói uma crítica e avalia positivamente a obra, a fim de indicá-la ao outro – “*a obra é mais do que recomendada, pois ela retrata de maneira clara e objetiva o quanto o ser humano deve melhorar seus atos*” –, o que indica um esforço por se incluir entre especialistas que podem “estabelecer a relevância” da obra (Motta-Roth, 2002, p. 98).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos examinar, quanto ao objetivo específico 1, que as principais modificações envolveram: inserção de epítetos (“uma ótima crítica em forma de animação”, “traz vários conceitos contemporâneos muito importantes”), reenquadramento (das características estéticas para a crítica apresentada), recategorizações (“sociedade capitalista” por “cultura do consumo”) e reorganização das ideias. Tais mudanças indicam que a reescrita foi um exercício relevante para a prática da argumentação e da racionalidade, voltada aos impactos da obra resenhada.

No que diz respeito ao objetivo específico 2, o uso de formulações apreciativas sugere que os estudantes compreenderam a necessidade de avaliar explicitamente a obra resenhada. Embora alguns qualificadores sejam vagos nas versões iniciais, observa-se, nas reescritas, maior reflexão acerca do tópico em discussão. Ao qualificar, os estudantes buscaram engajamento com a comunidade acadêmica, posicionando-

-se como analistas ao expressar seus pontos de vista sobre a crítica presente na obra e seus efeitos sociais (efeitos de comunhão e de presença).

Já em relação ao objetivo específico de 3, as modificações textuais observadas nas (re)escritas, incluindo a reorganização das ideias e o acréscimo de justificativas mais elaboradas, indicam que a reescrita, nesses casos, se revelou um exercício fundamental para o aprimoramento da argumentação e da racionalidade dos estudantes, especialmente no que diz respeito aos impactos da obra resenhada à comunidade leitora projetada. Em síntese, além de melhorar aspectos formais, a reescrita fortaleceu a construção argumentativa e inseriu tais estudantes nas práticas discursivas do meio acadêmico.

As análises empreendidas revelam aspectos relevantes para que se possa seguir avançando na exploração de *corpora* de textos de aprendizes como recurso não apenas à descrição e análise linguística, mas a novas formas de trabalho docente com a argumentação em gêneros acadêmicos. Para tanto, não é demasiado considerar que nossos resultados, ainda que reduzidos a um conjunto pequeno de textos, possam sinalizar caminhos e desdobramentos futuros em análises mais amplas, que possibilitem aumentar o escopo e impacto das considerações que aqui tecemos.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. Sobre o discurso científico e sua midiatização. Tradução de Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. *Calidoscópio*, v. 14, n. 3, p. 550-556, set./dez. 2016a. Disponível em: https://bit.ly/4l7VL2R. Acesso em 26 jun. 2025.

CHARAUDEAU, P. A argumentação em uma problemática de influência. Tradução de Maria Aparecida Lino Pauliukonis, *ReVEL*, edição especial v. 14,n. 12, 2016b. Acesso em: 26 de jun. 2025. Disponível em: https://bit.ly/40v2Ced. Acesso em 25 jun. 2025.

FIAD, R.S. Reescrita, dialogismo e etnografia. *Linguagem em (Dis)curso*, v.13, n.3, p. 463-480, set./dez. 2013. Disponível em: https://bit.ly/3TiS7qy. Acesso em 26 jun. 2025.

HYLAND, K. Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. *Discourse Studies*, *[S.l.]*, v. 7, n. 2, p. 173-191, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1461445605050365. Acesso em: 24 jun. 2025.

HYLAND, K. *English for academic purposes*: an advanced resource book. Nova Iorque: Routledge, 2006.

JAKOBSON, R. Linguística e Poética. *In*: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1987. p. 118-162.

KLEIMAN, A. B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. *In*: SIGNORINI, I. *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 267-302.

KOMESU, F.; ASSIS, J. A. Por que estudar a escrita acadêmica: palavras iniciais. *In*: KOMESU, F.; ASSIS, J. A. (org.) *Ensaios sobre escrita acadêmica*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019, p. 5-13.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. *In*: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 77-109.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PALUMBO, R.; CARNIN, A.; SOUSA, O. Explorando tipos e papéis de *feedback* na produção textual acadêmica: uma análise das estratégias de ensino empregadas no ProFIS da Unicamp. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, 2025 (no prelo).

PERELMAN, C. *O império retórico*. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: Edições Asa, 1992.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. [1958]. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REBOUL, O. *O slogan*. Tradução de Ignácio Assis Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

RODRIGUES, F. T. P. *A argumentação no discurso científico de pesquisadores da Linguística*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, Ceará, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28740. Acesso em 26 jun. 2025.

RODRIGUES, F. T. P.; CAVALCANTE, M. M. O discurso científico: implicações entre ancoragem social, argumentação e realização textual. *Verbum*, v. 8, n. 2, p. 39-58, 2019. DOI: https://doi.org/10.23925/2316-3267.2019v8i2p39-58. Acesso em: 26 jun. 2025.

SILVA, S.; BOABAID, M. E. V. Reescrita: um sempre-presente e uma atividade metalinguística para o letramento acadêmico. *Conexão Letras*, v. 16, n. 25, p. 223-237, 2021.